

## Morte e violência na contemporaneidade no romance *As intermitências da morte*, de José Saramago

**Aluno: Walmir Lacerda Gois<sup>1</sup>, Orientadora: Junia Regina de Faria Barreto<sup>2</sup>.**

1. Estudante de IC da Universidade de Brasília - UnB; \*lgwalmir@gmail.com

2. Professora e pesquisadora do Depto.de Teoria Literária e Literaturas, UnB, Brasília/DF

Palavras Chave: *morte, representações da violência, José Saramago.*

### Introdução

A morte é, e sempre foi, um fenômeno violento, pois caracteriza-se por desencadear a súbita passagem do estar para o não mais estar. Assim, dos caminhos para a busca do seu entendimento, é certo que todos eles passarão pelo o que a morte implica de objetivo – a violência da impossibilidade da vida. Em um estado desuspensão da morte, como o descrito por José Saramago no romance "As intermitências da morte", ao invés do surgimento de um estado de felicidade plena diante da possibilidade de vida eterna, perpetra-se o caos. Em termos técnicos, são sete meses sem nenhum óbito, o que produziu um acúmulo de 62.580 moribundos, em um país com, aproximadamente, dez milhões de habitantes. Descobre-se, então, a necessidade da morte para a sustentação e a manutenção de instituições, como as religiões cristãs; de sistemas econômicos, como o capitalismo, e das bases do próprio conhecimento humano.

Morte e violência aproximam-se por meio da ideia de ruptura, de rompimento súbito entre o indivíduo e o mundo. O objetivo dessa pesquisa é refletir sobre as representações da violência geradas pela interrupção da morte e sua relação aparentemente necessária com a violência.

### Resultados e Discussão

Dada a complexidade dos problemas que surgem na trama pela falta da morte, recorremos a estudos de diferentes áreas das Ciências Humanas e Sociais, para bem contemplar os três momentos desta pesquisa - o indivíduo, a sociedade, e os seus segmentos.

Para entrevermos as atitudes diante da morte na contemporaneidade percorremos o panorama histórico presente na literatura de Philippe Ariès. A partir daí, prosseguimos com os estudos de Agamben em torno do conceito de contemporâneo. Nos apoiamos nas análises de Michel Wieviorka sobre as diferentes manifestações da violência, como a praticada pelo Estado, pela Igreja Católica, e pelo sistema econômico.

Dessa forma, pudemos analisar, interpretar e expor as diferentes representações da violência geradas pela morte, e assim, elucidar a atuação de tal fenômeno em paralelo ao indivíduo, ao Estado, à igreja e à economia. Constatamos sua imprescindibilidade para o Cristianismo, posto que ela se faz necessária para viabilizar o milagre da ressurreição, e assim, para a edificação da doutrina cristã. Verificamos ainda o quanto a morte é necessária para a manutenção de políticas públicas, como a previdência social, além de ser vetor fundamental na conservação de asilos e hospitais. Pudemos evidenciar a importância

econômica da morte, visto que tal fenômeno sustenta, por exemplo, a indústria funerária e o mercado dos seguros de vida. Observamos, portanto, a inexorável presença e o reconhecimento da morte como fenômeno intrínseco à vida e à sua manutenção.

### Conclusões

Diante de um contexto social que tende a sublimar cada vez mais os rituais funerários e todas as atitudes dramáticas perante o moribundo e a sua condição, a morte proibida e interdita perpetraria um estado de caos absoluto. A desordem descrita por José Saramago nos propõe pensar um problema ontológico, que perpassa guerras, diásporas, extermínios, em suma, a prática da violência. O autor nos apresenta a visão de uma sociedade que, apesar do receio de rituais, vela a ideia de morte.

Nosso trabalho, portanto, foi, a partir da ficção, constatar que a sonhada utopia da vida eterna, o sonho de poder permanecer para sempre no mundo e desfrutar de seus prazeres seria um erro brutal, escancarado com maestria por José Saramago. No mundo criado pelo autor, a violência da impossibilidade da morte impede qualquer expressão de felicidade.

A morte, organizada em hierarquias e especialidades, torna-se um agente apocalíptico ao ausentar-se. Os desdobramentos particulares em cada setor ou instituição dessa sociedade concretizam essa rede de relações que têm a morte como fundamento basilar. O discurso irônico e implosivo do narrador guarda percepções do *modus operandi* das sociedades ocidentais contemporâneas que nos guiam à compreensão da trágica relação entre sujeito e morte.

---

ARIÈS, Philippe. *Essais sur l'histoire de la mort em Occident*. Éditions du Seuil, 1975.

L'homme devant la mort. Seuil, 1977.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer*. Sigmund Freud, Obras Completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HASTINGS, Adrian. *A World History of Christianity*. New York : Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2000.

MORIN, Edgar. *La Violence du monde*. Édition du Félin, 2003.

L'Homme et la mort. Le Seuil, 1951.

WIEVIORKA, Michel. *La violence*. Paris, Balland, coll. « Voix et regards », 2004.

O novo paradigma da violência. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v9n1/v09n1a02.pdf>> Acesso em: 27 abril, 2014.